

“Tá bonito pra chover” Agricultores Experimentadores no Semiárido da Paraíba

Gabriel Holliver⁹⁴

Resumo: Dois regimes de força e formas de habitar o semiárido travam uma batalha ao longo da história sobre a concepção de tempo e formas de relacionar com a agricultura. A região onde realizei minha pesquisa está localizada no Núcleo de desertificação do Seridó, local onde o processo de entropia é mais avançado no Estado da Paraíba. Em uma paisagem devastada pela agricultura da plantation, mineração, cerâmica e pecuária extensiva agricultores resistem ao modelo hegemônico, criando e testando suas próprias sociotécnicas. Aqui narro o declínio das plantações de algodão, e contraste a forma “colonizadora” de habitar o semiárido com o modo tradicional de ocupação dos agricultores experimentadores, aliado pensamento sobre as formas de existência extra-humanas com os quais compartilham o ambiente.

Palavras-chave: Agricultores experimentadores – plantation - tempo – habitar – paisagem

Introdução

Em seu livro seminal “Os Sertões” (2012), Euclides da Cunha define uma ideia sobre a forma de viver no semiárido que ficará marcada a partir de então. Quando afirma que “*O sertanejo é antes de tudo um forte.*”, ele se refere ao que observa como uma forma estranha adequação dos humanos ao ambiente. Ambiente este de natureza caótica, selvagem, que soava imperfeito ao tom positivista da época, cuja a razão colonialista não conseguia enxergar senão uma desobediência natural a ser extinguida para domesticação (Medeiros, 2016). Não por acaso, em sua descrição da Guerra, quando narra as expedições militares à invasão de Belo Monte, é o próprio bioma da caatinga que se torna uma máquina de guerra em favor população resistente ao empreendimento colonizador. A pouca disponibilidade de água nos rios intermitentes, o sol radiante que não dá trégua nem oferece sombra

⁹⁴ Mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/UFRJ). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

por debaixo das árvores secas no período de estiagem, os lajeiros reluzentes e a flora densamente espinhenta impenetrável na mata formada por uma diversidade de cactos, compõem o aspecto bélico da paisagem que atacava as tropas militares vulneráveis marchando em um ritmo descompassado, não respeitando a própria velocidade que a natureza os impunha. Enquanto aqueles autóctones tiravam proveito da própria convivência que ao contrário das forças alienígenas, compunham com o meio ambiente, em um regime de pensamento que se encontrava na vida ao seu entorno um elo de simbiose.

Eu gostaria de narrar uma versão diferente da batalha que estes regimes de força continuam travando e se atualiza ao longo da história, onde a concepção do tempo tanto no sentido climático, (o tempo do sol e da chuva), quanto no seu aspecto durativo (o tempo que chove e que fica sem chover) (Viveiros de Castro, 2015) me parecem ocupar um lugar central. Como sertanejos, agora na figura de agricultores experimentadores no semiárido brasileiro, continuam a resistir aliados e em simbiose com seu bioma às sucessivas investidas do projeto colonizador que não para de incidir com a sua ponta de lança na porção oriental do nordeste brasileiro através de suas mais diversas formas, seja a *plantation*, a mineração, a cerâmica, a energia eólica, ou até mesmo a violência semiótica que engendra no estigma do atraso e do subdesenvolvimento.

Aqui o caráter da resistência ganha novos contornos, não mais o belicismo das armas de fogo que os cangaceiros empunharam para defender seu território, mas através da própria capacidade de continuar existindo, se reinventando junto com a própria vida extra-humana que renasce em uma paisagem devastada lutando contra a entropia, ainda que não cessem os violentos ataques com sucessivos projetos de colocar fim à forma de ocupação tradicional de agricultura ou de extinção do próprio bioma, como a ameaça sempre presente do avanço da desertificação na região.

Um mundo desmantelado

A necessidade de da terra tirar dinheiro, combater a seca e integrar a economia do semiárido à produção capitalista brasileira foi sempre o desejo do projeto colonizador⁹⁵2, os programas desenvolvimentistas guiados pela visão tecnicista “moderna” agiram continuamente ao longo da história por meio de grandes intervenções tentando de diversas

formas alterar ou mitigar os efeitos do tempo, sob o modo da violência intensiva aplicada à ecologia local, e de alteração significativa da paisagem. Embora quase sempre mal sucedidasou fracassadas, são investidas grandes somas de recursos, concentrados na forma de projetos extraordinários que supostamente irão resolver a questão da seca, solução esta que fracassa a toda tentativa, não conseguindo sanar o que as autoridades chamam de “problema da região”.A característica peculiar do bioma tem servido muitas vezes como arma para a difusão do mito da escassez, como se esta região fosse condenada a viver na miséria a menos que ali chegasse o “desenvolvimento”.

A constituição da ideia do combate à seca, se coloca como uma verdadeira máquina semiótica que agencia por vez sua própria indústria, produzindo falsos remédios para um falso “problema” inexorável que é a estiagem climática da região, deixando de lado a questão endêmica da concentração de terras, de forma que a estrutura desigual e a manutenção do poder local são mantidas. Mas segundo uma outra perspectiva menor que se opõem a esta,*seca não se combate, se convive*⁹⁶.

Renzo Taddei (2006) chama a atenção para o modo como os conceitos de *modernidade* e *progresso* são usados como máquinas semióticas pelos políticos e investidores locais para implementação de projetos, sob o pretexto de se oporem ao *atraso* e *subdesenvolvimento* que caracterizariam a agricultura familiar local. Fato é que o semiárido sempre foi habitado⁹⁷, e ali sempre se conviveu com a rigorosa sazonalidade e os períodos alternados de seca e chuva. O ambiente do

⁹⁵ Entendo por 'Projeto colonizador' uma série de movimentos, e tentativas dispersas porém contínuas, realizadas tanto pelo Estado nacional quanto pelo mercado, cujo objetivo ou é literalmente a retirada de riquezas do solo, ou cuja a finalidade objetiva necessita desta operação como meio para atingir seu fim.

⁹⁶ Para uma genealogia do debate entre os paradigmas de combate a seca e convívio com o semiárido ver Silva (2003).

⁹⁷ O próprio nome semiárido é de origem na língua indígena tupi, que significa caa=mata, tinga=branca. (Silva, 2003)



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

sertão desafia as formas de existência colonizadoras, deixando claro que a possibilidade de sobrevivência humana no semiárido só é possível através de um modo particular de existência que opere em composição com a vida (Medeiros 2014).

Vale do Sabugi onde estive de maneira mais intensiva em meu trabalho de campo está localizado dentro do núcleo de desertificação do Seridó, a região em estágio mais avançado de desertificação da Paraíba, como consequência das intervenções antrópicas, que geraram um processo de entropia, a partir principalmente do corte de lenha para cerâmica. da pecuária extensiva e o cultivo do algodão no passado (Costa, et al 2009). Os agricultores relatam uma série de espécies que vêm se extinguindo através das gerações. Nesse contexto, cada nova criança que chega ao mundo encontra uma paisagem mais simples, com biodiversidade menor. Todo filho ouvirá do pai relatos de espécies que ele não terá a oportunidade de conhecer e por sua vez contará a seus filhos sobre aquelas espécies que viu e já não existem mais ali.

Toda a região do médio sertão paraibano foi durante muito tempo celeiro da produção de algodão, o chamado “ouro branco”, principal fonte de renda da região, que alcançou nos anos de 1960 e 1970 seu auge através do regime de monocultura conhecido como *plantation*. Com competitividade internacional, a atividade envolvia toda a população (homens, mulheres e crianças) e garantia o emprego e o sustento das famílias. O regime de posse da terra era dominado pelos latifúndios, em que poucas pessoas detinham quase a totalidade das terras disponíveis e agricultáveis, sendo a situação mais comum o chamado regime de meia.

Com origem nas colônias do Novo Mundo, este sistema operava através da produção em larga escala, aliando monocultura, trabalho escravo e semeadura de espécies exóticas, possibilitando o comércio intercontinental e a industrialização. Ainda que as contingências da história tivessem forçado uma transformação, permanece inalterada a mesma lógica da *Plantation* no agronegócio contemporâneo, com o uso de mão de obra terceirizada de remuneração precária e produção direcionada à exportação. (Tsing, 2015) Não terei tempo de explorar, mas assina-lo que esta relação nos campos de algodão era cercados de conflitos e disputas referentes à safra.

Para iniciar a produção, era preciso desmatar por completo o campo, para mantê-la, era preciso fazer uso de agrotóxicos, cuja aplicação era realizada sem proteção alguma, sequer luva, bota, máscara, ou qualquer equipamento capaz de mitigar os danos à saúde. Contam as lembranças da



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

época sobre a característica “muito forte” do veneno, e não faltam exemplos de vítimas fatais. Seu Heleno contou-me uma história que exemplifica a dimensão do letal do 'folidol', o químico mais citado entre os agricultores: Dizia ele que existia em seu terreno uma garrafa guardada há mais de dez anos, que por um acidente quebrou-se e acabou entrando em contato com um novilho que se lambuzou no local. Não foi possível salvá-lo nem com remédios e o animal acabou morrendo. Para se desfazer do corpo resolveram enterrá-lo. Uma galinha que ciscou onde foi quebrada a garrafa foi ainda menos resistente, tendo morrido antes mesmo do tal novilho. Mas a tragédia infelizmente não terminou nestes óbitos: um terceiro animal, desta vez um cachorro, cavou a cova do novilho na tentativa de se alimentar dele, e por fim faleceu também infectado.

A decadência das monoculturas de algodão se deu graças a um besouro conhecido como Bicudo (*Anthonomus grandis*). A praga, de origem na América Central, devastou plantações em todo o Nordeste brasileiro a partir de meados da década de 1980, pois se tornou resistente aos defensivos químicos utilizados. Enquanto o folidol modificou a relação do Bicudo com o algodão, o próprio bicudo se modificou a fim de se adaptar a esta nova realidade, atacando as flores, depositando ali suas larvas de forma a causar a desnutrição e a consequente destruição das plantas. Com a chegada do besouro, nunca antes visto na região, a produção do “ouro branco” despencou, o que obrigou os agricultores locais a buscarem outras formas de sustento econômico.

Houve ainda por parte da Embrapa tentativas de combater o Bicudo: seja modificando a época de floração da espécie de algodão de forma que não coincidissem com o período de reprodução do inseto, ou na tentativa de desenvolver outro tipo de algodão “colorido”, mais resistente à praga. Mas estes projetos fracassaram, o bicudo descolonizou a agricultura científica da *Plantation*, esta que por um tempo se pensou ser capaz de domesticar a natureza terminou domesticada pelo Bicudo.

Foi uma ingenuidade pensar que excepcionalmente os humanos detinham o poder de transformação da paisagem. O bicudo em meio às monoculturas de algodão desarticulou a máquina da agricultura controlada e demonstrou o fracasso deste tipo de projeto de dominação da natureza. O que não foi um fato isolado. A monocultura como modelo de produção de alimentos tem gerado pragas hiper-resistentes, como foi o caso da vassoura de bruxa (*Moniliophthora perniciosa*), que assolou as plantações de cacau na Bahia na década de 90. Parafraseando Marx, “os homens fazem a

sua história, mas não a fazem como querem”, e não o fazem porque a história dos homens é a história das relações multi-espécies.

O fim das plantations de algodão deram lugar à outras formas de dominação da terra, tais como a cerâmica, a mineração e até a mais recentemente a investida que aparece sob o espectro da energia eólica. Infelizmente em virtude do tempo não poderei explorar esses aspectos, mas assinalo que estes processos estão em continuidade com os projetos de colonização, inserindo a o semiárido no capitalismo através da produção de comóditos e subempregos, contribuindo significativamente para o processo de desertificação.

A vida brotando no Sertão

É diante deste mundo desmantelado que descrevemos que desde 2015, que realizo pesquisa junto a um grupo de agricultores habitantes da região do médio sertão paraibano, que encontrei geograficamente de maneira dispersa entre o Vale do Sabugi, Vale das Espinharas e o Vale do Piancó. Estes resistem aos modelos hegemônicos, e reconhecem semelhanças entre os próprios através de uma autodenominação comum de “agricultores experimentadores”, que consiste em uma forma particular de cuidar do roçado, o que diferencia suas práticas e técnicas agrícolas daqueles vizinhos dos arredores situados geograficamente mais próximos, estabelecendo por outro lado, uma teia de relações alternativas aquela dominante na região.

Eles além de sementes, compartilham tecnologias e experiências agrícolas criadas e testadas por eles próprios que podem ser reaplicadas por outros agricultores com certo grau de variação e adaptação, conforme a particularidade ecológica da micro-região de cada sítio, de acordo com o tamanho de cada terreno, as qualidades nutricionais de cada solo, o relevo, o clima e a quantidade de água disponível que é possível armazenar em cada território. Dado que esta região do Nordeste é marcada por uma forte sazonalidade climática, este vasto espaço geográfico coincide também com uma grande diversidade de técnicas de economia política da natureza no campo da captação, armazenamento, e utilização dos recursos hídricos, acompanhados de um complexo léxico de pensamento e reflexão em torno do acontecimento da chuva.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Duas paisagens se revezam e contrastam entre os períodos de seca e de chuva em uma sazonalidade rigorosa. Durante a estiagem, a paisagem marrom/cinza dorme sob o sol forte, hiberna, esperando as primeiras gotas d'água para acordar e florir. A chuva desperta a vegetação que a estiagem fez adormecer, e o verde então pode ressurgir na caatinga que perdera suas folhas para resistir à seca. Com uma capacidade de resiliência vegetativa da impressionante, basta uma pequena garoa para as árvores “olhar”, começando a brotar nos galhos secos as primeiras folhas. Em menos de quinze dias de chuva a cor das matas passa do marrom ao verde, quando a coloração de folhas novas faz a paisagem brilhar sob o sol forte. Essa mesma resiliência e paciência de conviver com o tempo encontramos nos agricultores. Ali não se pode intervir na paisagem sem pensar na disponibilidade de recursos e nos limites que a própria natureza impõe; os humanos não podem acelerar o ritmo lento da natureza, é preciso acompanhar seu movimento.

Frente à natureza indomesticável, os agricultores experimentadores não plantam a quantidade mais do que podem regar, nem cultivam as culturas que bem entendem, submetendo a terra à sua pura vontade. É a quantidade de chuva que cai em determinado período, acrescida da capacidade de armazenamento da mesma, que definirá o tamanho do plantio e as espécies cultivadas. Se os regimes de estiagem são incertos e prolongados,

selecionam-se as espécies arbóreas mais resistentes aos longos períodos de baixa pluviosidade. Perder uma árvore ou um animal para a seca é um acontecimento desgraçado, e pode ser considerado um desmantelo grande, e portanto a escolha de espécies nativas supera a de exógenas, que só são introduzidas quando bem adaptadas ao clima.

Com efeito, o agricultor só semeia se existir água suficiente para o plantio até o período da colheita. Desta forma, para fazer o roçado é necessário fazer um planejamento levando em conta as chuvas que caíram, a água disponível nos reservatórios de água e o consumo de que essas plantas necessitarão até que safrejem⁹⁸. Assim, logo após as chuvas, é o período em que a horta está mais cheia de sementes e plantas. À medida que vai se aproximando o mês de dezembro e a água vai

⁹⁸ As decisões e os planejamentos dos agricultores nada têm a ver com cálculos matemáticos complicados, mas sim com sua percepção, baseada na experiência passada da quantidade de volume d'água disponível e do que é possível semear com ele.

chegando ao fim, o tamanho da horta vai esmiuçando, colhe-se o que safrejou, mas se tem a paciência de esperar um novo “inverno” para se plantar de novo.

No caso dos cultivos de milho e feijão que são certamente os mais praticados na região não basta apenas que a chuva caia em bastante quantidade, mas é preciso que ela venha em determinada frequência durante o tempo, de preferência com potência mais fraca, para “*aguar*” regularmente as plantas e não agredir o solo provocando erosões. Devido à extensão do roçado e à própria escassez de água disponível, a atividade humana de regar se torna inviável: é preciso que o céu mande chuva para sustentar o solo úmido por todo período de cultivo até o período de reprodução, quando se pode colher as favas e espigas.

No ano de 2016 meu amigo Evanilson já havia perdido uma vez, e estava pronto para perder o segundo roçado de milho e feijão que são sempre plantados em consórcios, quando depois de uma estiagem prolongada por quase um mês dentro do próprio inverno voltara o período de chuvas e ele conseguiu salvar a colheita. Mas plantar perseverando, dizem os agricultores experimentadores, é o que faz o verdadeiro agricultor, aquele que nem se importa com o que vai gastar para plantar. Aquele que na manhã seguinte a primeira chuva já esta no roçado fazendo seu plantio. Não se sabe o futuro do que se está semeando, se no inverno choverá o suficiente até que as plantas safrejem ou se alguma praga virá atrapalhar seu sucesso. Conheci agricultores que há 5 anos semeavam e não conseguiam colher nada na safra de feijão com milho, situação que não fez com que eles esmorecessem e desistissem de semear mais uma vez na esperança de colher alguma coisa. Como bem me explicou Heleno Bento:

“Tem pessoas ques, se parecem com o agricultor em todos os aspectos, se você olhar dirá que ele é um agricultor; mas se planta com o fim do trabalho, de colher para ganhar dinheiro, ele é um micro-agronegócio. A terra dele não é um espaço de sobrevivência, é um espaço comercial. O agricultor velho de verdade planta por prazer”.

Os roçados de milho e feijão constituem um diverso e valioso recurso agrobiológico de segurança alimentar autônoma conservado pelos agricultores através dos seus bancos de sementes. Levantei junto a eles dez tipos de feijão macaçar (*Vigna unguiculata*) cultivado na região, podendo

cada variedade ter duas características, ligeiro ou tardão⁹⁹. E quatorze variedades de milho, tendo além das características de ligeiro e tardão dois tipos, sendo de sabugo grosso ou fino. Estando todas essas variedades sujeitas a própria hibridização não condicionada pelos humanos, podendo sempre surgir uma nova qualidade no meio do roçado. Considerando que com o cultivo do feijão se bem sucedido pode garantir a subsistência da família por todo o ano, e a importância do milho além da alimentação nos rituais de feitiço da pamonha. Essa diversidade ao contrário dos antigos cultivos de algodão garantem resistência genética caso as pragas venham assolar as plantações.

Os arredores das casas, além das plantas ornamentais que trazem “boniteza” para o terreiro, são sempre compostos de uma diversidade de plantas alimentícias para uso de subsistência, tendo temperos, como é o caso do coentro presente em todo quintal, e árvores frutíferas que são abastecidas pela reutilização das águas de casa na agricultura. Principalmente as águas da cozinha nunca são dispersadas, quase sempre conectadas aos jardins através de diferentes técnicas, seja de forma subterrânea ou manualmente.

No que tange a uma economia política da natureza, a questão dos recursos hídricos e a sua administração esta no centro da relação dos agricultores com o mundo, e quanto a isso, há que se admitir que é no semiárido que estão os especialistas neste assunto. Com somente três meses de chuva por ano, os agricultores captam e a estocam água suficiente para uso doméstico e agrícola por todo o ano, até que um novo período de chuvas possa reabastecer seus estoques. Isso só é possível através de um imaginário bem particular, que dá sentido à experiência cotidiana, e fundamenta práticas de captação e utilização dos recursos hídricos no sertão. Aqui nos inspiramos especialmente no tratamento que Mauro Almeida (2013) confere ao conceito de ontologia e seus efeitos sobre a textura do mundo.

“Ontologias e encontros pragmáticos não são, contudo, separáveis. Pode-se ver isso já a partir da seguinte consideração: pressupostos ontológicos dão sentido,

⁹⁹ As qualidades de ligeiro e tardão dizem respeito ao próprio tempo da safra, mas como consequência ao próprio tamanho da fava ou da espiga. Com a chegada do inverno é plantado inicialmente os de tipo ligeiro para garantir a safra para fins imediatos, e depois o tardão para ser armazenado e consumido ao longo do ano.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

ou permitem interpretar, encontros pragmáticos, mas vão além de qualquer encontro particular, seja qual for seu número.” (Almeida, 2013:9)

Pensar o tempo

Diferentemente da divisão climática convencional do ano marcada em quatro estações pelo saber meteorológico, no sertão, como em algumas outras regiões do Brasil, os agricultores marcam a sazonalidade do tempo em apenas duas estações, verão e inverno, ou, em outras palavras, seca e chuva. Eles associam o inverno ao período de chuvas, sempre incerto e mutante, que costuma ocorrer entre janeiro e maio. Excetuando-se as flutuações climáticas ao longo dos diferentes anos, em geral, segundo dizem, são apenas três meses de chuva na região, que podem se estender até cinco meses de chuva em um ano de inverno bom.

A média anual pluviométrica na região do Vale do Sabugi gira em torno de 569 milímetros (Costa, et al, 2013), distribuídos especialmente neste período de chuvas intensas¹⁰⁰. O resto do ano é verão, seca. Diante dessa sazonalidade rigorosa, a chuva dita os movimentos e ritmos de todos os agentes locais, que se movem de acordo com o curso das águas vindas do céu. Conviver com a seca exige uma desaceleração em relação à velocidade que o mundo moderno exige. A reprodução dos animais, bem como a floração das plantas, os ciclos de roçado, e os rituais a eles relacionados, além da economia e as disputas políticas, estão todos em consonância com a força gravitacional exercida pelos lentos fluxos rítmicos do acontecimento da chuva nesta região.

Diante do céu nublado com perspectiva de chuva, no sertão se diz: *“Tá bonito pra chover!”* Diferentemente das expressões mais comuns no sudeste, como *“o tempo fechou”*, ou *“o céu está feio”*, fazendo alusão a momentos de tensão ou a uma situação de conflito, no sertão a chuva é um evento aguardado com muita esperança. No tempo da chuva é ela o principal assunto; quando chega é recebida com alegria, espera-se um volume grande para ir festejar debaixo da água caindo do céu.

¹⁰⁰ Além disso, devido à proximidade da linha do equador, a posição perpendicular dos raios solares faz com que a evapotranspiração seja maior que a quantidade de precipitação.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

As biqueiras dos telhados por onde escorre a água da chuva se transformam em cachoeiras, as crianças brincam de pular sobre as poças d'água que se formam no chão e os barreiros se transformam em piscinas. Bráulio Bessa, poeta do sertão, consegue exprimir esse sentimento em um poema de apenas um verso: *“Aqui no sertão, quando o céu chora, a gente acha é graça”*.

No cotidiano desses agricultores, afirmações que a um observador estranho não têm sentido algum guardavam conexões insuspeitas. A frase *“O trovão é o pai da coalhada”* me soou muito estranha na primeira vez que a ouvi. Que relação pode haver entre o trovão, um ruído provocado por uma descarga elétrica sob a atmosfera, e a coalhada, alimento feito a partir do leite, muito consumido e apreciado na região?

Ora, afirmavam meus amigos que entre o trovão que cai e a coalhada que eles comem há uma série de acontecimentos que se sucedem e se encadeiam em um ritmo particular. A chuva que cai forte provoca o trovão; a grama cresce vigorosa a partir da umidade criada no solo pelas gotas d'água vindas do céu e se transforma em alimento farto e nutritivo para o gado; a produção de leite aumenta; a fartura de alimento chega finalmente à mesa do agricultor, que, com o excedente de leite, pode desfrutar do prazer de uma coalhada. A continuidade e os efeitos de todos esses atores revelam a complexa trama de alianças não hierárquicas com os extra humanos em que os agricultores estão entrelaçados e dependentes.

Era comum também enquanto estive na casa de meu amigo Mario Virginio ouvir uma expressão de lamento de que *“onde se tira e não se bota, um dia se acaba”*, sempre que passavam em frente a sua casa caminhões abarrotados de madeira extraídas para lenha. Não quero com isso defender a ideia de que para ele a preservação da natureza esta colocada acima de tudo, mas sim que há uma compreensão da importância desses agentes vivos no ecossistema na dinamização dos processos de vida exercido ambiente local, sem os quais a vida se tornaria mais difícil. (Carneiro da Cunha e Almeida, 2002:20)

Sendo a escassez de chuva um acontecimento comum em toda essa região do Brasil, os conhecimentos meteorológicos de previsão climática extraídos da observação dos seres da natureza a partir dos indicativos de resiliência das plantas e das atividades dos animais são difundidos em vários locais do semiárido. Os agricultores com quem convivi têm uma tradição semelhante aos profetas da chuva analisados por Taddei, ainda que possamos observar algumas diferenças



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

etnográficas. Ali eles se guiam pelo que chamam de "*experiências*". As *experiências* são indicadores climáticos baseados em observações do comportamento passado dos agentes da natureza, que por sua vez coincidem com determinados períodos de seca ou chuva que sucederão.

Quando, no mês de dezembro, uma árvore seca e cheia de cupins se quebra, isso é um sinal de que a chuva está chegando. Uma aroeira que resistiu e chegou até esse mês carregada de folhas indica o mesmo. As aves também são consideradas adivinhadoras do tempo. Quando o bacurau canta no fim do dia, isso é um indicativo de que não choverá aquela noite. Já o canto da casaca-de-couro, indica que ainda há inverno por vir e que o período de chuvas não terminou. No caso do canto do "gavião de rapina" é sinal de seca. Este ponto de vista das aves sobre o tempo tem ressonância também nas artes produzidas no nordeste. A música "Acauã" por exemplo, sucesso na voz de Luiz Gonzaga, de autoria de Zé Dantas, fala do canto solitário da ave durante o tempo da seca.

Outra técnica bem conhecida é a observação da vida social das formigas, em particular da altitude do terreno onde elas fazem seus ninhos: quanto mais alto o monte de terra onde está a entrada, maior será a quantidade de chuvas prevista, pois as formigas não querem correr o risco de ver suas casas inundadas. A quantidade de bagaço que as mesmas formigas retiram de suas casas para fazer uma nova armazenagem sugere também fortes indicadores: uma grande quantidade demonstra que as formigas estão em processo de limpeza de seus ninhos, pois precisarão de muito espaço para estocar o novo capim do inverno. As formigas tanajura quando avistadas circulando pelo solo são indício de estiagem. Dona Jardas, ao ver em seu quintal a circulação dessas formigas carregando folhas para os ninhos, se colocava a esbravejar com a constatação de que "*lá vêm três dias de verão.*"

Inácio me disse certa vez, acerca dessas experiências, que "*a natureza é um negócio bem feito*". Mas para além de indicar e permitir a previsão de como será o próximo período de chuvas, o que essas técnicas exprimem é também um conhecimento meteorológico por parte dos outros seres da natureza. Com efeito, a meteorologia praticada pelos agricultores se fundamenta na meteorologia que outros agentes praticam. É observando como os animais e as plantas se preparam para o inverno que os agricultores assim o fazem, de modo que os ritmos humanos acompanham os extra-humanos. Ali, o ponto de vista de todos os agentes importa, na medida em que todos os agentes têm um ponto de vista próprio acerca da chuva para perseverar no ambiente (Vieira, 2013).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Entretanto, estas relações parecem ter se complexificado e gerado algumas controvérsias nos últimos anos, em virtude de um “*tempo desmantelado*”. Heleno me disse diversas vezes, nesse sentido, que as previsões baseadas nos indicativos da natureza já não batem mais com as chuvas. A ordem das coisas parece ter desandado, e nem mesmo os animais estão conseguindo prever com igual precisão o inverno por vir. Um exemplo disso era o caso de espécies que normalmente apareceriam somente no final das chuvas, como é o caso da lagarta de fogo que atinge o umbuzeiro, as quais já estavam começando a “dar com força” em fevereiro.

Em julho de 2015, o período em que estive pela primeira vez na região, aconteceu algo inusitado. Embora estivéssemos no verão, chegou uma chuva inesperada que, ainda que em forma de chuvisco, durou alguns dias. Eu fiquei surpreso, pois havia sido avisado que do céu não cairia sequer uma gota neste período, e essa chuva gerou também uma perplexidade geral entre os agricultores.

Quando perguntados sobre o porquê daquele evento, uma resposta muito recorrente entre os meus amigos, com pequenas variações, foi: “*Deus disse que quando o homem quiser saber mais que Ele, Ele vai mudar os tempos.*” “*Ninguém mais entende o tempo, ele está desmantelado*”, dizia Heleno. “*Essa mudança do clima se dá devido a uma culpa nossa, nós estamos provocando o que está acontecendo*”, completava Dóia. No período de chuvas já não chove mais como o esperado, e no período de seca vem a chuva sob forma de fina garoa.

A chuva é responsável por organizar a vida. Quando ela mesma se desorganiza, isso gera um desalinhamento completo para todos os agentes acostumados com uma certa ordem de eventos. Os agricultores percebem essas mudanças através das espécies cultivadas que safrejam fora do tempo habitual, como também através da migração de animais terrestres e pássaros que aparecem ou desaparecem fora do período previsto. As previsões climáticas baseadas na observação dos ciclos naturais e floração de plantas têm sido afetadas por aquilo a que os agricultores se referem como a “*mudança dos tempos*”.

Neste sentido, a percepção local é análoga àquela da ciência climática, que cada vez menos consegue antecipar os eventos pontuais do clima devido ao que progressivamente vem se reconhecendo como efeitos do Antropoceno. Referindo-se a este conceito, Bruno Latour recentemente afirmou, de maneira muito próxima aos agricultores do semiárido: “*as coisas têm mudado tão rápido que se tornou difícil de acompanhá-las*” (Latour 2013).

Seria possível assim, dado o limite que o tempo me coloca aqui, concluir com a ressalva de que guardado os diferentes equívocos entre esses mundos, seria talvez possível estabelecer um acordo pragmático entre o que meus amigos do semiárido da Paraíba tem percebido com esta “*mudanças dos tempos*”, e o que os cientistas tem convencionalmente chamando de mudanças climáticas ou Antropoceno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. “Caipora e outros conflitos ontológicos” In: Revista de Antropologia da UFSCar, v.5, n.1, jan.-jun., p.7-28, 2013.

DA CUNHA, Manuela Carneiro; DE ALMEIDA, Mauro Barbosa; CARDOSO, Adão José. “Enciclopédia da floresta: o Alto Juruá-práticas e conhecimentos das populações”. Companhia das Letras, 2002.

COSTA, E. B.G. ; SILVA., V. S. ; ALVES., J. J. A. “Um estudo da distribuição pluviométrica da microrregião do Seridó paraibano”. I Workshop Internacional Sobre Água no Semiárido Brasileiro Campina Grande - PB”, 2013

CUNHA, Euclides da. "Os sertões." (2012).

LATOUR, Bruno. “Investigation sobre los modos de existencia”; adaptado por Alcida Bixio -1a ed – Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Paidós, 2013

MEDEIROS, Rondinely Gomes de. “Um mundo quase árido”. Inédito, texto apresentado no Colóquio Internacional Os mil nomes de Gaia , 2014, Rio de Janeiro.

TADDEI, Renzo. “Oráculos da chuva em tempos modernos, mídia desenvolvimento econômico e as transformações na identidade social dos profetas do sertão”. In: Karla Martins, org. Profetas da chuva. Fortaleza: Tempo D'Imagem, 2006.

TSING, Anna. "Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras." *Ilha Revista de Antropologia* 17.1 (2015): 177-201.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

VIEIRA, Suzane de Alencar. “O Astro do Tempo e o fim da Era: a crise ecológica e a arte de assuntar entre os quilombolas do Alto Sertão da Bahia”. Interface (Climacom. Online), 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “A revolução faz um bom tempo” Inédito, texto apresentado no Colóquio Internacional Os mil nomes de Gaia , 2014, Rio de Janeiro.